

## ASSOMBROSAS GAROTAS EM *MENINAS*, DE MARIA TERESA HORTA

STEINMETZ, Elisangela da Rocha<sup>1</sup>

**RESUMO:** Em *Meninas* (2014), a renomada escritora portuguesa Maria Teresa Horta traça, entre os trinta e dois contos que compõem o livro (dos quais analisaremos quatro), algumas histórias em que “o sobrenatural transgride as leis que organizam o mundo real” (ROAS, 2001). É assim em “Erzsébet” onde a protagonista entre suas viagens do castelo de Léká ou de Sárvár para o castelo de Csejthe, de que tanto gosta, vai crescendo e, com ela, a sua estranheza. Em “Perdições”, a pequena Esther, todas as noites, realiza viagens muito curiosas que bem poderiam ser sonhos, passeios pela floresta e por lugares tão obscuros quanto o enigma que surge a cada manhã. Em “Transformação”, a viagem que a menina Dulce realiza se dá através dos livros que lê, esses irão transportá-la e transformá-la em algo surpreendente. Em “Lupina”, é a mudança de espaços que instaura a ambiguidade, Livia não sabe quem ela é: menina ou jovem loba – talvez os dois. Assim, o objetivo deste trabalho é mostrar como essas diferentes viagens instauram o fantástico e transformam essas personagens em criaturas potencialmente sobrenaturais. Para tal são referências Roas, Todorov e Furtado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Meninas, contos, fantástico, literatura.

## WEIRD GIRLS IN *MENINAS*, BY MARIA TERESA HORTA

**ABSTRACT:** In *Meninas* (2014), the renowned Portuguese writer Maria Teresa Horta traces, among the thirty-two short stories which make up the book (of which we will analyze four), some stories where “the supernatural transgresses the laws which organize the real world” (ROAS, 2001). This happens in “Erzsébet” where the protagonist is growing up between her journeys from the castle of Léká or from Sárvár to the castle of Csejthe, that she likes so much and with it, her strangeness. In “Perdições”, little Esther makes very curious journeys every night which could well be dreams; walks through the forest,

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Românicos e Portugueses pela Universidade Clássica de Lisboa (FLUL/UL). Mestre em História da Literatura pela Universidade Federal de Rio Grande (FURG). Endereço eletrônico: lizestein@yahoo.com.br



and through places as dark as the riddle that comes every morning. In “Transformação”, the journey that the girl Dulce performs occurs through the books she reads, these will transport her and transform her into something amazing. In “Lupina”, it is the change of spaces that provides the ambiguity; Livia does not know who she is: a girl or a young wolf – maybe both. Thus, the purpose of this work is to show how these different trips set the fantastic and transform these characters into creatures that might be supernatural. The references for that are Roas, Todorov and Furtado.

**KEYWORDS:** *Meninas*, short stories, fantastic, literature.

Encantadora, Maria Teresa Horta com o olhar atento, curioso e instigante, com a vivacidade digna de infância e a voz amadurecida pelo tempo; assim é que a escritora apresenta, na obra *Meninas*, uma galeria de personagens femininas que figuram e deslizam, às vezes, entre o universo da infância e o começo da vida adulta; porém é ainda no domínio das brumas do mágico contexto infantil que suas personagens revelam-se, descobrem-se e vivem aventuras intensas que percorrem trajetórias distintas, as quais vão desde o tranquilo encantamento com os livros, a revelação do amor, a descoberta de recusas de afeto familiar, abandono e atos de violência, situações que conduzem as meninas até o limite da vida, até seu encontro, em alguns casos, com a morte. Jovens, sonhadoras, negligenciadas, corajosas, desafiadoras e desafiadas, assim são as meninas de Maria Teresa Horta; consagrada escritora, conhecida por uma escrita combativa, questionadora, inquietante e aprazível. A obra *Meninas* é composta de trinta e dois contos ambientados, em geral, num contexto realista. As descrições nos apresentam um mundo muito similar ao nosso, o que satisfaz uma das exigências do fantástico – viés pelo qual abordaremos alguns contos da obra –, pois este requer a “representação” do mundo extratextual.

Tal representação faz-se necessária no processo de integração ao mundo das personagens e na interrogação sobre a natureza dos acontecimentos que o leitor experimenta. Todorov registra que “é preciso que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados.” (TODOROV, 2012, p.38-39) Também, segundo o teórico David Roas, é necessária à literatura fantástica uma ambientação da história narrada num mundo de expressão realista. O gênero, para ele, nutre-se do real e será a partir dos parâmetros que compõem a ideia de realidade do leitor que ocorrerá a transgressão diante da aparição do sobrenatural, provocando a ruptura das estruturas da realidade. Assim, a



ambientação da narrativa em um mundo similar ao nosso é fundamental, pois “A transgressão que define o fantástico só pode ser produzida em narrativas ambientadas em nosso mundo” (ROAS, 2014, p.42).

Entre as personagens que cria, Maria Teresa Horta evoca figuras históricas, como é o caso do conto *Erzsébet*, no qual a narradora imagina o período da infância da sanguinária condessa húngara. Outras vezes, a infância narrada pertence a uma personagem literária, mas todas as personagens bem poderiam ser uma dessas meninas que se chamam Maria, Laura, Vanessa ou donas de outro nome qualquer com quem cruzamos diariamente: indo à escola, passeando no shopping, sonhando acordadas ou vivendo nas ruas onde se desventuram, vítimas de maltrato e abandono.

É na exposição dos encantos e conflitos que podem permear a infância, período em que frequentemente o irreal e a fantasia se precipitam em fusão com o real, gerando incertezas, dúvidas e evocando o insólito, que as histórias se instauram. Assim, a atmosfera do livro é um convite ao gênero fantástico e, embora não predomine na totalidade dos contos, faz-se presente em pelo menos seis deles, dos quais analisaremos quatro: *Erzsébet*, *Perdições*, *Transformação e Lupina*. O aspecto inicial que nos leva a tratá-los como textos de literatura fantástica é, em especial, a ambiguidade que aflora nesses contos – além, é claro, dos (possíveis) eventos sobrenaturais de caráter negativo que se instituem, pois segundo Filipe Furtado (2008) o sobrenatural deve ser predominantemente negativo e deve suscitar alguma ameaça.

Vale destacar que o caráter ambíguo está presente também em outros contos do livro, mas nem sempre surge associado ao insólito. Como ocorre, por exemplo, no conto “Daninha”, o qual no ensaio ““Depois das palavras vêm as palavras””: As Meninas de Maria Teresa Horta”, de Mauro Dunder e Nicole Guim de Oliveira que, atentos às questões conflituosas que cercam a existência feminina, ao caráter oposto das palavras e ao modo como as palavras podem constituir um espaço de libertação, acentuam que “Na literatura portuguesa contemporânea, poucos escritores trouxeram à tona esse caráter duplo da palavra tão agudamente quanto Maria Teresa Horta, para quem a palavra é, ao mesmo tempo, signo de denúncia e grito de liberdade” (p.253).

Conforme Todorov, a *ambiguidade* seria uma primeira exigência do gênero e ela deve ser mantida até o final da obra, ou seja, ao longo do texto, a dúvida entre realidade ou sonho, verdade ou ilusão deve permanecer. Um segundo aspecto: essa ambiguidade deve ser relativa a algo que rompa com os padrões de acontecimentos que poderiam ser explicados pelas leis do

mundo “real”, o que nos conduz ao *sobrenatural*, que tanto para Todorov, quanto para Roas é indispensável ao fantástico. Em resumo: “Num mundo que é exatamente o nosso, aquele que conhecemos, sem diabos, sílfides nem vampiros, produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar” (TODOROV, 2012, p.30).

O fantástico surge a partir da incerteza entre o real e o sobrenatural apresentado, essa incerteza é sentida pela personagem, o herói, e compartilhada com o leitor implícito. A possibilidade de uma explicação deve sempre ser deixada para o leitor; porém essa não pode satisfazer plenamente, visto que “O fantástico implica pois uma integração do leitor no mundo das personagens; define-se pela percepção ambígua que tem dos acontecimentos narrados.(...) A hesitação do leitor é pois a primeira condição do fantástico” (TODOROV, 2012, p.37). Cabe esclarecer aqui que o leitor a que se refere Todorov é o leitor implícito. O teórico registra que a hesitação nem sempre é representada no interior do texto e, em alguns casos, as personagens não manifestam dúvidas em relação ao evento de aparência sobrenatural ocorrido, logo, a condição que o leitor implícito se identifique com as personagens não encontrará correspondência. Portanto a necessidade de identificação apontada por Todorov é colocada como “uma condição facultativa do fantástico: este pode existir sem satisfazê-la; mas a maior parte das obras fantásticas submete-se a ela” (TODOROV, 2012, p.37).

Vejamos, então, como se instala a ambiguidade em Erzsébet.

A pequena Erzsébet evoca a outra Erzsébet – a sanguinária condessa húngara acusada e condenada por crimes monstruosos, entre eles, o de beber o sangue de suas vítimas. Maria Teresa Horta ficcionaliza o que poderia ter sido um período da infância da personagem histórica, quando levada e mantida sob os cuidados de sua futura sogra que a observa:

Orsolya Kanizsay olha Erzsébet com inquietação e desconfiança, menina sombria esgueirando-se emudecida pelas galerias e ao longo dos varandins, rebelde no cumprir dos preceitos e ordens, corpinho magro de longas pernas esguias, esquivando-se habilidosa ao seu controle, desligando-se dos braços que por seu lado sabe deslaçados de qualquer ponta de afeto.

Escolhera-a com cuidado de esmero para sua nora, mas mal ela chegara no meio da tempestade, trazida pela rica carruagem de seu pai, nela detectara o negrume, o verrume insuportáveis.

Hostil, Erzsébet esquivava-se quanto pode [...] (HORTA, 2014, p.155).



Se, inicialmente, essa reação poderia ser considerada normal para uma menina que se encontre em um ambiente – de certo modo hostil –, a chegada durante uma tempestade sugere a estranheza do que está por vir. Erzsébet:

De madrugada foge por entre a cerração que se levanta ainda noite fechada, passo corrido até à floresta que começa perto, desaparecendo na espessura dos cedros, das noqueiras e dos carvalhos de onde regressa trazendo os olhos tomados por uma luz incendiada e maldosa (HORTA, 2014, p.155, 156).

Quando ela deixa o espaço do castelo e adentra o espaço selvagem, seu aspecto muda: suas roupas se alteram – perdem-se as fitas e laços, rasgam-se as saias e os tecidos, a imagem de menina se desfaz para dar lugar a de um ser obscuro. Então de fuga em fuga, para a floresta, a personagem vai se transformando (ou revelando-se) uma criatura entre o humano, o animal e o vampiresco. A floresta é o espaço de transformação, representa também a conquista de liberdade da protagonista e é onde o insólito surge. É lá que a menina sombria se faz “precoce aprendiz de feiticeira, num trato especial com os duendes e as bruxas que a aprimoram no tratamento das infusões, dos feitiços, das poções e dos filtros; nos esconjuros e na decifração dos presságios” (HORTA, 2014, p.156). E também onde faz suas primeiras vítimas, matando animais “para lhes chupar a linfa, buraquinhos abertos pelos dentes acerados e certos, a cravarem-se ávidos por entre o pêlo curto que afasta com a seta da língua impaciente, presa de uma sede pertinaz que não lhe dá descanso” (HORTA, 2014, p.157), estabelecendo contato com os seres sobrenaturais:

[...] no fundo das cavernas cavadas nas rochas, já perto do vale onde começam as cabanas das feiticeiras e das bruxas, dormem os vampiros. Gosta de os igualar ou mesmo de competir com a sede que eles têm do sangue de criaturas vivas. (HORTA, 2014, p.159)

Orsolya tenta educá-la para mulher de seu filho único e desdobra-se em cuidados com a instrução e a aparência da menina, mas a cada nova aventura na floresta tudo parece se perder. “Orsolya Kanizsay presente nela o abismo, e sem conseguir discernir no vazio da menina o menor laivo de claridade que a sossegue, adivinha a mulher que virá a ser um dia” (HORTA,



2014, p.161). Orsolya desconfia da estranheza da menina, suspeita dela, “entende ser melhor desconfiar e temê-la. Recusando por isso as infusões de cidreira e tília que ela lhe serve em taças fumegantes (...) Sem desistir contudo de tentar domá-la” (HORTA, 2014, p.163). Contudo, Orsolya não tem certeza sobre o que presente em Erzsébet, ela tem dúvidas, ou esperanças.

A narrativa em terceira pessoa permite ao leitor real do conto ter mais informações que as demais personagens, o que lhe possibilita observar o caráter obscuro de Erzsébet, mas, ao associar sua personagem ficcional à personagem histórica, Erzsébet Báthory, inclui, além do nome, um trecho escrito por ela:

*Ela, que de si mesma deixará escrito, na dúvida: Não sei de onde venho, não sei realmente de onde venho, sou incapaz de imaginar de onde possa ter vindo. (...) vós que haveis nascido tal como sois, conservai-me assim, tal como hoje sou. Porque não sei de onde venho, não sei para onde vou: apenas existo e sou. (HORTA, 2014, p.163,164)*

Isso torna todo o texto suspeito em relação à natureza da personagem menina, como é duvidoso o que se pode saber sobre os crimes da Condessa Sanguinária Erzsébet Báthory. Afinal, existiriam mesmo vampiros em cavernas com quem a menina competia com sua sede por sangue?

Em “Perdições”, a pequena Esther, todas as noites, realiza viagens muito curiosas que bem poderiam ser sonhos, passeios pela floresta e por lugares tão obscuros quanto o enigma que surge a cada manhã: há sempre uma marca estranha em seu corpo, os pais tentam desvendar o mistério sem sucesso.

Ao acordar Esther encontra a marca sanguínea de pequeninos dentes à sua volta no lençol, com a aurora do nascer do sol. E a nudez do seu corpo intacto guarda um estranho odor mórbido a flores vermelhas.

– *Abelhas?* – perguntam-se os pais, inquietos.

– *Aranhas?*

Esther sorri silenciosa, menina enigmática. [...] esquecendo-se dela mesma, respiração por momentos suspensa, sem dar conta do coração imóvel no peitinho intocado, [...] encontra deitada ao seu lado como uma promessa,



desafio brilhando surdamente uma frisada rosa de Alexandria. (HORTA, 2014, p.205)

A cada noite seguem novos eventos misteriosos, possíveis sonhos dos quais ela parece não se lembrar com clareza. E todas as manhãs, os pais retornam ao quarto da filha, perturbam-se com os odores que penetram a atmosfera do quarto e ficam mais perplexos com as marcas que surgem na pele lívida da filha. E a cada noite, Esther encontra sucessivamente uma rosa ao seu lado: rosa da Índia, rosa do Nilo, rosa do Mar.

Esther continua inventando e refazendo a existência à sua medida de criança esquívosa e sonhadora, que escuta vozes, fala com os mortos, vê aquilo em que os outros nunca acreditariam caso soubessem destas exaltações. Perdições. [...] Solidão – imagina sem saber explicar a própria estranheza. Natureza. (HORTA, 2014, p.208 e 210)

Esther parece estar sendo vítima de uma força vampiresca pronta a levá-la para longe de seus pais que

[...] todos os dias insistem em trazer a filha de volta, madrugada após madrugada, invocando o amor. Por fim, uma manhã ela sai da cama a cambalear [...] Hesitante, aproxima-se do espelho [...] E como se fosse uma santa mártir invocando um pecado mortal ou uma ladra da mente no árduo trabalho de roubar a alma, o espírito, o âmago dos outros, desliza em silêncio [...] diante do espelho tem os olhos fechados [...]. E quando finalmente os entreabre vê nele refletida: a sua cama feita com esmero, colcha de cetim rosado [...] a boneca de louça com a qual nunca brincara [...]. Mas entre as imagens que o espelho lhe devolve Esther não encontra a sua. [...] Enrodilhada no soalho, Esther começa pouco a pouco a desvanecer, a esvaecer, a sumir, debatendo-se negando-se ainda ao desaparecimento. Criança sobressaltada com o próprio assombro. (HORTA, 2014, p.214,215)

Muitas dúvidas permanecem e é dito sobre Esther que é inventiva, ladra da mente. Então, será que Esther está doente, enlouquecendo talvez – e isso poderia fornecer uma

explicação racional aos episódios insólitos. Ou estaria ela envolvida com o sobrenatural e, pouco a pouco, adentrando este misterioso mundo pelo qual parece seduzida? É dito que os pais lutam pela filha, mas Esther entrega-se ao desconhecido, seja ele o sobrenatural ou alguma doença. Permanece no conto a ambiguidade.

Em “Transformação”, a menina Dulce é considerada estranha pelo pai que a olha de longe sempre com inquietação, inconformado com a diferença existente entre ela e as irmãs,

Dulce era diferente. Distante e calada, preferia manter-se dentro de casa como se esta fosse gruta de recolhimento; menina rodeada de nuvens e sombras, sob as quais se sentava de manso com a sua desordem, enleada no ensimesmamento das letras e das aventuras imaginárias, sumida quanto podia nas páginas de livros enluarados que aprendera a ler sozinha; (HORTA, 2014, p.171)

Dulce parece ela própria uma figura de ficção: “A delinear-lhe a silhueta frágil parecia haver uma espécie de aura translúcida, onde os matizes ainda hesitassem num breve cintilar um tudo nada trêmulo e vacilante. Para ela a realidade era demasiado árdua, acre e assustadora” (HORTA, 2014, p.172).

Também acompanha a menina um tilintar cristalino. O distanciamento que Dulce acaba por alcançar em relação aos outros que vivem na casa só aumenta, assim como o desconforto de seu pai em relação a ela. Ele chega a confessar: “– *Mais valia que ela sumisse...*” (HORTA, 2014, p.175). Negligenciada pelo pai, pressionada pela madrasta e temendo “que tanto teimara em inexistir que certamente se tornara numa mera personagem das histórias de fadas”, ela decide abandonar essas leituras fantasiosas e busca junto ao escritório do pai um livro, um livro de aventuras. Encanta-se com o conto *A selva* que lê e relê muitas vezes. Dando início à metamorfose, mundos são sobrepostos e, no entanto, ninguém além de Dulce, considerada louca, percebe. Seu pequeno quarto de brinquedos transforma-se numa planície africana e, pouco a pouco, toda a casa ganha uma nova configuração, sem que ninguém, além de Dulce, notasse a mudança: “Só ela via a vegetação árida, onde distinguia as zebras e as gazelas, as serpentes e os tigres, os torrões de terra esfarelada e o pó vermelho de onde se elevava um intenso cheiro a savana, a sangue, (...) a carne apodrecida, a morte” (HORTA, 2014, p.176) E quando toda a casa já estava transformada, ela transforma-se também. Quando:





a meio da tarde o pai fora buscar, para a levar ao consultório de um psiquiatra seu amigo (...) ao abrir a porta da casa deu conta de um intenso e nauseante cheiro desconhecido. Inquieto, chamou a mulher e depois a menina (...) mas em vez de qualquer delas, encontrou, apavorado (...) a savana ardente, a perder de vista.

E ao entrar na divisão onde deveria estar o seu escritório, apercebeu-se de que (...) se aproximava, (...) um animal selvagem, acompanhado por um leve tilintar cristalino, uma pantera que o fitava, fremente e implacável.

Predadora.

Com o mesmo olhar azul vidrado de Dulce.

Pronta a formar o salto. (...) o lancinante grito dele, imenso e degolado, ecoou inutilmente pelo interior da casa, onde num repente tudo parecia ter voltado à normalidade: não mais que uma casa irremediavelmente vazia.

Mergulhada num implacável e cruel odor de sangue. (HORTA, 2014, p.178,179)

No fim do conto, a menina Dulce (“estranha” como dizia o pai, e louca, na opinião da família), compartilha a sua “realidade” com o pai. O mundo ficcional que, aparentemente habitava, ganha existência real dentro da casa, onde Dulce, a pantera, vinga-se do pai. Ao final, a casa está vazia, sem vestígios de nenhuma das situações anteriores, como se tudo tivesse sido tragado pelo universo da ficção. Contudo, resta o odor de sangue a inquietar, a sugerir existências para além daquela que se permite observar. A ficção invade a realidade e a desconstrói, deixando, por fim, uma casa vazia, o nada, o fim, fim da história. Afinal Dulce estava louca? Teria o pai sido também tomado pela loucura? Ou algo insólito e inexplicável ocorreu na casa? Essas perguntas não encontram respostas no texto, que permanece enigmático e ambíguo.

Por fim, a escritora nos envolve em uma atmosfera ainda mais intrigante. Com Lupina, as fronteiras do que é sonho, realidade ou memória se esvanecem e entramos em contacto com uma dualidade de espaços e existências que poderiam tanto dar-se em uma mesma época, uma vida dupla, como em tempos distintos. Vidas diversas que deixam vestígios uma sobre a outra, sem que seja possível definir-se qual precede a outra. Ou ainda, uma vida imaginada, ilusão criada e alimentada até não mais se discernir do real. De um lado, temos uma menina envolta

pelos cuidados maternos; de outro, temos um animal, uma pequena loba, que se refugia junto a sua mãe loba, no fundo da caverna, que é também espaço de calor e aconchego.

Enrosca-se mansamente nos braços da mãe.

Encosta a boca ao seu pescoço macio a respirar-lhe o cheiro almiscarado a selva, a floresta, e fica ali a revolver inexplicáveis memórias ou a imaginar situações e sentimentos que sempre chegam até si, num sobressalto de suspeita.

Lembranças estranhas naquilo que se diz respeito a uma menina de negros cabelos encaracolados, a dormir numa cama feita com lençóis bordados e macios, em vez de no chão de terra batida do covil. (HORTA, 2014, p.217)

Assim, em *Lupina*, a menina Lívia vive um estado de confusão, de aparente loucura, em que ora está a observar através do reflexo do espelho sua mãe que se arruma após o banho, ora está a correr pela floresta farejando, indecisa a ouvir vozes que chamam por seu nome. No abismo em que se perde, teme a estar “Provavelmente lembrando o que não deve mais permitir-se a si mesma imaginar” (HORTA, 2014, p.220) A trama em sua oscilação, entre uma condição e outra que se perpassam, sugere a possibilidade de Lívia ser as duas coisas, uma menina e uma loba, o que faria dela um ser sobrenatural – um lobisomem – como podemos observar neste trecho:

Narcisa, a olhar para o fundo da correnteza do rio, (...) ela encontra-a e encontra-se, a ambas lá refletidas: o cabelo encaracolado de cada lado do rosto a desmanchar-se, a encrespar-se, repelindo os laços de fita que tentavam domá-lo, prendê-lo, e que entretanto foram caindo, um após o outro, sem remissão.

Imagem a esvaír-se já no seu leito de rio, (HORTA, 2014, p.223)

Os sentimentos de medo e a ideia de perda do afeto materno somam-se e Lívia não admite a possibilidade da sua condição de monstro, preferindo confundir-se com a possibilidade da imaginação e de memórias estranhas. “Memórias ou histórias sonhadas, ou pedaços de vida inventada? Lívia não sabe” (HORTA, 2014, p. 218). E com ela, compartilhamos da dúvida, da

ambiguidade. Quem é Lívia? Menina louca? Menina Loba? Criatura sobrenatural? A crise de identidade mantém a ambiguidade presente no texto.

Em todos esses contos, a narrativa (re)cria ambientes e situações que encontram referência com a realidade extratextual, porém o insólito surge e há neles sempre a presença (ou sugestão) do sobrenatural – característica essencial ao fantástico –, que se manifesta trazendo consigo a possibilidade de uma outra realidade, por nós desconhecida, que aparece como hipótese nas fronteiras que se esboram: entre o sonho e realidade e entre realidade e ficção. Segundo Todorov, o fantástico deve deixar sempre a possibilidade de uma explicação lógica, mas que não satisfaça plenamente. Para Roas, no fantástico deve haver transgressão do que conceituamos denominar como real, a realidade deve ser questionada. Sendo assim, parecemos que os contos de Maria Teresa Horta, aqui mencionados, possuem elementos fundamentais e suficientes para que se digam deles textos de literatura fantástica. Visto que o enredo nesses contos permanece sempre num campo de oscilação onde a dúvida e a incerteza nunca encontram uma resposta satisfatória para o insólito que se evidencia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DUNDER, Mauro, GUIM Nicole. “Depois das palavras vêm as palavras”: As Meninas de Maria Teresa Horta”. In: FLORES, Conceição (Org.). *Ensaio sobre a obra de Maria Teresa Horta (II volume) O sentido primeiro das coisas*. Natal: Escribas, 2019.
- FURTADO, Filipe. *A construção do fantástico na narrativa*. Lisboa: Horizonte Universitário, 2008.
- HORTA, Maria Teresa. *Meninas*. Portugal: Dom Quixote, 2014.
- ROAS, David. *A ameaça do fantástico*. trad. Julián Fuks. São Paulo: ed. UNESP, 2014.
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à Literatura Fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2012.